



Vozes insurgentes: narrativas docentes de resistência de uma professora negra e um professor gay

Mirella Ferreira Reis^{*1}, Matheus Da Silva Moraes¹

¹Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

*mirella.2503@hotmail.com

RESUMOS – GT 2 – Etnia, Gênero e Diversidade Sexual

Palavras chave: Educação antirracista. Formação docente. Práticas pedagógicas

Este trabalho emerge de diálogos entre dois professores. Como afirma hooks, “a experiência é uma fonte legítima de conhecimento” (hooks, 2017, p. 49). Ao partilhar vivências atravessadas por marcadores sociais, os docentes transformam experiências de enfrentamento e resistência em potência política e pedagógica. Para Freire, “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão” (Freire, 1996, p. 68), o que evidencia a importância dos espaços coletivos — como a sala dos professores — como territórios de elaboração crítica e insurgência cotidiana. A escola, entendida como espaço de disputa simbólica e política, reflete e reproduz desigualdades estruturais (Foucault, 1999). Segundo Akotirene, o racismo e o sexismo atuam de maneira interdependente e estrutural, produzindo “subalternizações específicas sobre corpos racializados e femininos” (Akotirene, 2019, p. 34). Como explica Louro, “a escola é um território de disputas e também de produção de subjetividades” (Louro, 2000, p. 67). Essas vozes insurgentes, ao ecoarem na sala dos professores, tensionam normas hegemônicas e constroem formas coletivas de resistência. Segundo Butler, “o poder não apenas reprime, mas também produz possibilidades de resistência” (Butler, 2003, p. 15), o que permite compreender essas narrativas não apenas como denúncia, mas também como afirmação de existências que desafiam as estruturas dominantes. A análise apoia-se na compreensão de que narrativas são também práticas políticas e pedagógicas (hooks, 2017). O corpus empírico é composto por diálogos e memórias compartilhadas, entendidos como atos de fala que produzem sentidos e estratégias de resistência (Foucault, 1999). Como sintetiza hooks, “falar a partir da margem é um ato de resistência” (hooks, 2017, p. 55). Ao narrar suas experiências, o professor gay e a professora negra constroem práticas pedagógicas antirracistas



XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiral da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate das perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas : VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento : I Jequiê Zumba : Cantinho do Griô



e anti-LGBTQIA+fóbicas, reconhecendo a pluralidade de corpos e saberes. Como reforça Freire, "a educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem" (Freire, 1996, p. 36). Assim, suas vozes insurgentes produzem fissuras no silêncio institucional e afirmam a potência política da docência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, C. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1999.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOOKS, b. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

LOURO, G. L. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.